

O cavalo de troia dos conteúdos curriculares

TORRES-SANTOMÉ, J. O cavalo de Troia dos conteúdos curriculares. In: APPLE, M. W.; AU, W.; GANDIN, L. A. (Org.). **Educação crítica**: análise internacional. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Vanessa Guerra Caires¹

Torres-Santomé, ao iniciar seu trabalho, destaca a influência das políticas de globalização e dos princípios neoliberais na constituição da atual *sociedade da informação* e, conseqüentemente, na orientação do *conhecimento capitalista*. Segundo o autor, essa forma de conhecimento está atrelada aos interesses econômicos de grandes fóruns elitistas e de empresas multinacionais, proporcionando, assim, a base científica para a produtividade e competitividade dos mercados capitalistas. Dessa forma, disciplinas intimamente ligadas ao desenvolvimento econômico, tais como matemática, ciências, tecnologias e línguas estrangeiras, são elevadas a padrões de excelência, enquanto outras, como filosofia, literatura, artes e educação física, são colocadas de lado. Essa orientação do conhecimento faz com que os professores percam o interesse em discutir a relevância dos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula, visto que já foram previamente selecionados, de acordo com as demandas da classe dominante. Nesse contexto, Torres-Santomé enfatiza a necessidade dos professores, e da escola, suscitarem questões reflexivas e críticas sobre o modelo neoliberal capitalista, analisando, com os alunos, as conseqüências decorrentes desse modo político, econômico e social de vida, sob a ótica da justiça e da democracia.

A partir dessa introdução, o texto está estruturado em duas partes. Na primeira, *instituições educacionais não são sempre projetadas para a diversidade*, o autor enfoca a importância da construção de um sistema educacional justo, que respeite a diversidade, a partir do compromisso com um projeto antidiscriminatório, que possa garantir, a todos os estudantes, o acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas capacidades intelectuais,

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da PUC Minas. Professora da Educação Profissional do CEFET-MG.

físicas ou sensoriais, de suas crenças religiosas ou culturais e de suas características étnicas, de gênero ou de classe social. Para cumprir esse compromisso, o autor enfatiza que se faz necessário superar o *cavalo de Tróia*, presente no currículo, que manipula a informação e o conhecimento, impondo um modelo cultural dominante. Portanto, as estratégias curriculares que reproduzem as formas dominantes de discurso precisam ser revistas. Torres-Santomé apresenta nove dessas estratégias, enfocando o cenário educacional espanhol: a *segregação*; a *exclusão*; a *desconexão*; a *argumentação unilateral*; a *psicologização*; o *paternalismo* e a *falsa tolerância*; a *infantilização*; a *diversidade como algo estranho e distante*; e a *presentificação* ou o *vazio histórico*.

A *segregação* consiste, basicamente, em *agrupar os estudantes* de acordo com o sexo, com a origem étnica, com a classe social ou com as *habilidades*. Dessa forma, é possível negar, às mulheres, as mesmas oportunidades educacionais dos homens; separar estudantes estrangeiros em escolas específicas, tais como as *escolas-ponte* espanholas, criadas para os ciganos, em 1978, e, mais recentemente, as *aulas de enlace* para os imigrantes; selecionar alunos de famílias de classe alta e média alta para as instituições privadas, por meio da cobrança de mensalidades elevadas, ou para as escolas publicamente subsidiadas, através de estratégias de ocultamento que favorecem essa seleção; e confinar educandos com necessidades especiais em escolas de *educação especial*, dificultando a inclusão social desses alunos. Nesse âmbito, Torres-Santomé evidencia que, nas duas últimas décadas, a educação inclusiva tem experimentado um progresso considerável, advindo, especialmente, da existência de uma primeira geração de adolescentes que aprenderam a interagir com pessoas com necessidades especiais.

A *exclusão* é implementada, principalmente, pela promoção do modelo monocultural de sociedade, que se sustenta por meio de um currículo que ignora e silencia as minorias culturais. O autor destaca que, nos livros didáticos da Espanha, é muito difícil encontrar informações sobre o que ele denomina de *vozes ausentes*: o mundo feminino, das crianças, dos jovens, dos idosos e das pessoas com necessidades especiais; as identidades *gay*, *lésbica*, *bi* e *transexual*; as classes trabalhadoras e a pobreza; as comunidades rurais e de

pescadores; as nações sem Estado; os grupos étnicos minoritários ou sem poder; os países orientais e do *Terceiro Mundo*; e as religiões não católicas, o agnosticismo e o ateísmo. Nesse processo de *silenciamento*, a expressão *cultura* é usada como antônimo de *cultura popular* e representada, no currículo escolar, como o que é importante para as sociedades e mercados neoliberais.

A *desconexão* está fundamentada, especialmente, em duas estratégias pedagógicas: *o dia de* e *a segmentação curricular em disciplinas*. Por um lado, a prática curricular de trabalhar temas relacionados a valores, problemas sociais e questões culturais, em apenas um dia, transforma assuntos relevantes em efêmeros sinalizadores pedagógicos, distanciando-os da rotina escolar e da vida dos alunos. Por outro lado, o currículo organizado em disciplinas não proporciona uma visão ampla das relações socioculturais, políticas e religiosas, que poderia propiciar, aos alunos, a compreensão da realidade como um todo conectado. Para promover a conexão curricular, a *Ley orgánica de Educación* da Espanha trata de *disciplinas transversais* como parte dos projetos educacionais das escolas, entretanto, a falta de apoio para a implementação das mesmas e para a construção de um currículo mais integrado é bastante evidente no país.

A *argumentação unilateral* é uma estratégia complementar à *exclusão*, pois apresenta, apenas, os textos alinhados com os discursos dominantes, para justificar as desigualdades socioeconômicas, políticas, religiosas, étnicas, linguísticas e de gênero. Nesse caso, também, os livros didáticos contêm versões exclusivas da realidade para corroborar as visões particulares dos grupos dominantes. Por exemplo, o *Descobrimento* da América é retratado, nos livros espanhóis, como uma importante contribuição da Coroa Espanhola e da Igreja Católica para o desenvolvimento do continente americano, sem mencionar o sofrimento causado às populações indígenas. A própria ciência, apresentada como neutra e objetiva, está repleta de preconceitos e estereótipos fundamentados na seleção de determinadas perspectivas, que objetivam retratar a *superioridade da nossa cultura (eurocentrismo)* em detrimento da cultura *deles*. Nesse contexto, a *naturalização* é uma maneira de expor determinada visão da sociedade como algo natural, que não pode ser mudado, pois obedece a definidas leis da natureza. A disciplina de biologia é, geralmente, empregada como argumento dessa *naturalização*, impondo

diferenciações na sociedade por supostas limitações genéticas, de etnia ou de gênero. Segundo o autor, a realização de uma educação verdadeiramente emancipadora só será possível por meio da desconstrução dessas concepções discriminatórias, apresentadas como realidades naturais, no currículo escolar.

A *psicologização* consiste em usar argumentos psicológicos para explicar as causas das desigualdades sociais, sem levar em consideração as diferentes condições políticas, econômicas, culturais, militares e religiosas, que produzem, para determinados grupos, condições opressivas de vida. Em 1994, Herrnstein e Murray² defenderam a tese de que traços genéticos mensuráveis diferem entre as raças biológicas e explicam porque alguns grupos são mais inteligentes do que outros e, conseqüentemente, mais propensos ao *sucesso*, sem mencionar as distintas condições de vida das populações. Dessa forma, os argumentos psicológicos têm tentado legitimar a estratificação da sociedade e a desigualdade na distribuição dos bens socioeconômicos. No sistema educacional espanhol, o autor enfatiza o uso desses argumentos para discriminar certos grupos étnicos e para responsabilizar o indivíduo por seu *sucesso ou insucesso pessoal*.

O *paternalismo* e a *falsa tolerância* subsidiam análises focadas no *eurocentrismo*, ou seja, na existência de uma *cultura superior benevolente*, que auxilia as populações *inferiores* e incapazes de progredirem sozinhas. Em seu texto, Torres-Santomé registra que os livros didáticos espanhóis são paternalistas, por exemplo, quando representam a África por meio de imagens que conotam ignorância e inferioridade e utilizam termos como *doações* e *caridade* para descrever as relações do *Primeiro Mundo* com o *Terceiro Mundo*, ao passo que palavras como *justiça*, *solidariedade* e *igualdade* mal são citadas. De acordo com o autor, um exemplo de paternalismo pode ser encontrado, também, no modelo publicitário da Empresa *Benetton*, no qual a tragédia humana é transformada em mera decoração, através de imagens que retratam *diferenças sociais*, mas que pouco, ou nada, contribuem para conscientizar os observadores sobre as transformações sociais necessárias para a superação dessa realidade.

A *infantilização* está presente na escola, por meio do emprego de duas intervenções pedagógicas: a *Walt Disneyficação* e o *currículo do turista*. No

primeiro caso, a *Walt Disneyficação* baseia-se na crença de que os estudantes devem ser protegidos da *dureza* do mundo real e de suas injustiças sociais. Dessa forma, a realidade é exposta, nos livros didáticos da escola pré-primária ou primária, através de imagens infantis, de desenhos animados e da representação de uma sociedade feliz e harmônica, que dificultam o discernimento entre o que é fato e o que é ficção. No segundo caso, o *currículo do turista* é uma forma de apresentar as *realidades culturais subalternas* como os turistas, em geral, as experimentam. Assim, o enfoque curricular limita-se aos hábitos alimentares, vestuários, práticas cerimoniais, estruturas habitacionais e outras características, bem generalistas, de uma determinada população. Outra maneira de trivializar as *culturas estrangeiras* é representá-las por meio de desenhos e não de fotografias, que reproduzem os estereótipos dominantes e não permitem que as crianças os relacionem com a vida real.

A *diversidade como algo estranho e distante* é uma estratégia utilizada para colocar as *realidades sociais conflituosas*, causadas por *eles* e não por *nós*, em locais distantes e desconectados da vida nas salas de aula. O racismo, a discriminação e a violência contra as mulheres são considerados como problemas excepcionais, motivados pelos *outros*. Nesse contexto, *culpar o outro* se torna uma ferramenta eficaz para minimizar ou negar alguns conflitos entre as populações europeias e os imigrantes, pois *eles* é que não desejam *integrar-se* no estilo de vida de um determinado país. Outro processo de *outrização* consiste em uma forma errônea de multiculturalismo, que defende a ideia de que a diferença deve ser respeitada, em qualquer circunstância, sem uma visão crítica e de entendimento sobre crenças e práticas culturais específicas. O autor argumenta que os grupos étnicos minoritários devem ter um espaço para apresentar e defender seus direitos por meio de uma educação política e cívica.

A *presentificação* ou o *vazio histórico* não permite que a evolução social e os processos históricos de diferentes grupos culturais sejam retratados nos currículos escolares. Essa filosofia educacional, coerente com as teorias sobre o suposto *fim da história*³, objetiva convencer a população de que não existem alternativas realistas à ordem capitalista dominante. Entretanto, Torres-

Santomé propõe a implementação do que ele chama de *currículo otimista*, ou seja, de uma educação alicerçada na compreensão da história e na esperança em um futuro melhor, que poderá ser construído por diferentes grupos sociais que busquem alternativas para os problemas pessoais, socioeconômicos, culturais, científicos e religiosos, vivenciados no sistema capitalista vigente. Assim, elementos importantes, que movimentam e transformam a sociedade, precisam ser considerados para não ensejarem novas formas de fundamentalismo ou levar à aceitação de que qualquer coisa que ocorra no mundo. Essa é a única ordem possível.

Na segunda e última parte, *obstáculos a uma educação antidiscriminatória*, o autor evidencia algumas questões que surgem como obstáculos à construção de uma educação melhor: a obsessão dos professores em cumprir conteúdos curriculares prescritos pelas administrações educacionais; a omissão, nos livros didáticos, de temas controversos e de perspectivas alternativas e divergentes; o medo de trabalhar, em sala de aula, com questões controversas; a carência de uma cultura e de uma tradição de debate, em sala de aula; a tradição curricular de fragmentar o *todo* em várias disciplinas; a obsessão com o ensino de conteúdos que estejam presentes em testes propostos pelas políticas de avaliação externa; a carência de materiais informativos sobre os *temas silenciados*; e a afirmação, por parte dos professores, da falta de familiaridade com esses temas e a incapacidade de perceber suas conexões com o restante do currículo.

Por fim, fica evidente a urgência de favorecer o debate, em sala de aula, e permitir que a diversidade, presente na vida real, participe, também, do currículo escolar. “O currículo pode tornar-se não um motivo de divisão, mas um espaço para nossa união – espaço em que o direito de ser diferente e de respeitar mutuamente nossos direitos legítimos torna-se possível.” (TORRES-SANTOMÉ, 2011, p. 97).

²HERRNSTEIN, R. J.; MURRAY, C. **The bell curve**: intelligence and class structure in american life. New York: The Free Press, 1994.

³FUKUYAMA, F. **El fin de la Historia y el último hombre**. Barcelona: Planeta, 1992.